



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA
CURSO DE BACHARELADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

RODOLFO HECKMANN DE FRANÇA CLEMENTE E RODRIGUES DE OLIVEIRA

**O HOMEM QUE DANÇA E AS FRONTEIRAS DO PRECONCEITO:
UMA REVISÃO NARRATIVA**

**CAMPINA GRANDE
2024**

RODOLFO HECKMANN DE FRANÇA CLEMENTE E RODRIGUES DE OLIVEIRA

**O HOMEM QUE DANÇA E AS FRONTEIRAS DO PRECONCEITO: UMA REVISÃO
NARRATIVA**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado a Coordenação do curso de Educação Física da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Educação Física.

Orientador: Profa. Ma. Morgana Guedes Bezerra.

**CAMPINA GRANDE
2024**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto em versão impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que, na reprodução, figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

O48h Oliveira, Rodolfo Heckmann de França Clemente e Rodrigues de.

O homem que dança e as fronteiras do preconceito [manuscrito] : uma revisão narrativa / Rodolfo Heckmann de França Clemente e Rodrigues de Oliveira. - 2024.
34 f. : il.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação física) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, 2024.

Orientação : Prof. Ma. Morgana Guedes Bezerra, Departamento de Educação Física - CCBS.

1. Dança - homem. 2. Bailarino. 3. Preconceito. 4. Gênero e sexualidade. I. Título

21. ed. CDD 792.62

RODOLFO HECKMANN DE FRANÇA CLEMENTE E RODRIGUES DE OLIVEIRA

O HOMEM QUE DANÇA E AS FRONTEIRAS DO PRECONCEITO: UMA
REVISÃO SISTEMÁTICA

Artigo Científico apresentado à
Coordenação do Curso de Educação
Física da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à
obtenção do título de Bacharelado em
Educação Física

Aprovada em: 19/11/2024.

Documento assinado eletronicamente por:

- **Elaine Melo de Brito Costa** (***.953.124-**), em 29/11/2024 11:20:03 com chave 06928742ae5d11efa9901a7cc27eb1f9.
- **Tais Feltosa da Silva** (***.114.624-**), em 28/11/2024 10:00:50 com chave cb349066ad8811efb9752618257239a1.
- **Morgana Guedes Bezerra** (***.758.794-**), em 28/11/2024 09:22:33 com chave 722421bcad8311ef874f1a1c3150b54b.

Documento emitido pelo SUAP. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse https://suap.uepb.edu.br/comum/autenticar_documento/ e informe os dados a seguir.

Tipo de Documento: Termo de Aprovação de Projeto Final

Data da Emissão: 29/11/2024

Código de Autenticação: de0572



Dedico este trabalho aos meus pais, Rosa e Robson, que sob muito sol, fizeram-me chegar até aqui, na sombra.

“Viva o homem que DANÇA, JOGA,
BRINCA e CUIDA! Se é capaz de tudo is-
so, é também capaz de fazer o melhor:
AMAR!”

Wagner Bessa Teixeira

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	07
2	MÉTODOS	08
3	O “HOMEM” COMO IDEAL DE <i>HABITUS A SER</i> ALCANÇADO	12
3.1	A dança desprestigiada pelo homem e os efeitos históricos na sociedade ocidental.....	19
3.2	Gênero e Sexualidade: distinções multifatoriais.....	20
4	RESULTADO E DISCUSSÕES	22
5	CONCLUSÃO	29
	REFERÊNCIAS	31

O HOMEM QUE DANÇA E AS FRONTEIRAS DO PRECONCEITO: UMA REVISÃO NARRATIVA

THE MAN WHO DANCES AND THE BOUNDARIES OF PREJUDICE: A NARRATIVE REVIEW

Rodolfo Heckmann de França Clemente e Rodrigues de Oliveira^{*}
Morgana Guedes Bezerra^{**}

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso tem como enfoque o estudo e a discussão acerca da prática da dança por pessoas do sexo masculino, para tanto, abordaremos os preconceitos sofridos e de que forma estes encontram-se relacionados. Optou-se pelo tema em questão pela especial identificação do pesquisador com a prática da dança, bem como pelo interesse em discutir questões sociais e culturais iniciadas durante as atividades de monitoria da disciplina de danças. A pesquisa se apresenta como revisão integrativa, método que permitiu a inserção de pesquisas experimentais e não-experimentais, além de agregar pesquisas empíricas e teóricas em sua construção, de modo que este foi método que mais se adequava à proposta e aos objetivos definidos, e que adotou caráter qualitativo considerando os resultados obtidos. Quanto aos objetivos, tem-se a identificação de estudos que relacionassem dança, homem e preconceito, bem como a existência ou inexistência e em que grau estes preconceitos são enxergados em diferentes estilos de danças. Foram utilizadas plataformas como o Google Scholar, LILACs e Periódicos da CAPES, e os descritores como sendo “dança”, “homem” e “preconceito” de forma a atender aos objetivos propostos. Os resultados obtidos mostraram a efetiva existência destes preconceitos sofridos por parte dos participantes entrevistados, contudo, não foi possível identificar de que forma o preconceito se fez presente nos diferentes estilos de danças, bem como a pequena amostragem identificada naqueles estudos que foram considerados elegíveis, demonstrando a necessidade de ampliar as discussões acerca do tema e investigar os impactos dos preconceitos sofridos pelo homem que dança.

Palavras-Chave: dança; homem; preconceito; revisão narrativa.

ABSTRACT

The present thesis focuses on the study and discussion of the practice of dance by male individuals, addressing the prejudices they face and how these are interconnected. The topic was chosen due to the researcher's personal connection with the practice of dance and an interest in discussing social and cultural issues, which arose during monitoring activities in dance-related courses. The research is presented as an integrative review, a method that allows for the inclusion of experimental and non-experimental studies, as well as the integration of empirical and theoretical research. This method was chosen for its alignment with the

^{*} Estudante do Bacharelado em Educação Física pela Universidade Estadual da Paraíba. rodolfo.clemente@live.com

^{**} Professora do Departamento de Educação Física da Universidade Estadual da Paraíba. morganaguedes@servidor.uepb.edu.br

proposed objectives and the study's qualitative approach in analyzing the results. The objectives include identifying studies that relate dance, men, and prejudice, as well as examining the existence, absence, or degree of these prejudices across different dance styles. Platforms such as Google Scholar, LILACS, and CAPES Journals were used, with descriptors like "dance," "men," and "prejudice" to meet the proposed objectives. The results demonstrated the existence of prejudice experienced by the participants interviewed. However, it was not possible to determine how prejudice manifests across different dance styles. Additionally, the limited sample size in eligible studies highlighted the need to expand discussions on this topic and investigate the impacts of prejudice experienced by men who engage in dance.

Keywords: dance; men; prejudice; narrative review.

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa surge através da vivência com a dança e suas vertentes por parte dos pesquisadores, bem como do caráter social relacionado aos seus estudos e práticas. Considerando a relevância da dança como forma de expressão cultural, e por sua relevância histórica, a dança esteve e está inserida em diferentes momentos da história que a levaram de uma prática estimulada, passando por períodos de não-aceitação e repelida socialmente. Durante toda a história da humanidade, a figura masculina se fez presente ocupando diferentes papéis e relevância em cada um destes períodos, moldando-se a sociedade em que inseridos, em realidades que serão oportunamente abordadas nesta pesquisa.

Partindo destes aspectos, foram levantadas discussões acerca da estruturação da presente pesquisa, e das possibilidades de reunir o interesse pelo tema, as prováveis formas de trabalho e da viabilidade de formulá-la enquanto revisão sistemática. Deste modo, optou-se por desenvolver a pesquisa na condição de revisão sistemática considerando as possibilidades encontradas em alinhamentos prévios para o seu desenvolvimento.

Levando em consideração que em épocas de midiatização e maior presença das redes sociais no cotidiano dos indivíduos, a dança tem ganhado proporções cada vez maiores, inegável que a participação de mais indivíduos se faça presente. Essa ampliação ou aumento da participação das mais variadas figuras, traz para essas pessoas maior visibilidade.

A figura masculina na dança não é fato novo, tampouco pode ser diminuído em relevância, contudo, o papel da figura masculina na dança historicamente é cercado de discursos preconceituosos e estereotipados, seja pela escolha do estilo, seja pela forma como praticado.

E é a partir desta noção de participação das figuras masculinas na dança que a pesquisa busca identificar eventuais preconceitos sofridos por estas pessoas dentro desta prática. Aliado a estes aspectos iniciais, tratar de preconceitos dentro da dança é circunstância que possui elevada relevância no contexto social atual. A dança para além de ser arte, e levando em conta a sua histórica presença enquanto forma de manifestação cultural, religiosa e mesmo uma forma de comunicação, tem se apresentado como um meio de abordagem de questões sociais, em especial por sua caracterização enquanto forma de expressão no sentido amplo.

Enquanto elemento social que se molda a realidade que cada sociedade, na medida em que se apresenta enquanto forma de comunicação, forma de expressão cultural ou mesmo religiosa. E estas constantes modificações e adequações permitem trazer à discussão os aspectos da figura masculina na dança, essencialmente os preconceitos sofridos.

A presente pesquisa tem por intuito primordial discutir a relação da dança e os preconceitos sofridos em decorrência dessa prática por pessoas do sexo masculino, reunindo pesquisas que assim o abordem, atendendo ao caráter de revisão sistemática escolhido para tal finalidade.

Identificar a existência de estudos acerca dos efeitos do estigma nas práticas de danças por parte das pessoas do sexo masculino. Investigar, por meio dos artigos considerados elegíveis, a incidência de preconceitos sofridos por pessoas do sexo masculino que relacionados a prática da dança. Compreender quais estilos de dança possuem maior estigma, diferenciando-as das danças que performam maior heteronormatividade, de modo que trazem maior aceitação social ao sujeito do sexo masculino que dança.

2 MÉTODOS

Dentro do aspecto metodológico, a pesquisa se caracteriza na condição de revisão sistemática, e que, conforme definido em momento anterior, figuraria na condição de revisão integrativa quantitativa e qualitativa. No aspecto qualitativo da

referida revisão sistemática serão da análise de eventuais questões subjetivas levantadas em cada pesquisa acerca do papel do homem na dança e os preconceitos sofridos, bem como de sua representação e manifestação nos diferentes estudos.

Reforça-se a permissibilidade da junção destes aspectos quanti e qualitativos na revisão sistemática, em que pese a sua eventual futura utilização como agregador tenha pontual redução na valoração científica, sem, contudo, perder o seu cunho científico.

Assim, a pesquisa em comento buscará enquadrar-se na condição de revisão integrativa, permitindo a inserção de pesquisas experimentais e não experimentais, além de pesquisas teóricas e empíricas.

E neste sentido os ensinamentos de De-la-Torre-Ugarte-Guanilo, Takahashi e Bertolozzi, de que revisões integrativas possuem entendimentos mais completos pela diversidade de contribuições e perspectivas que pode trazer à pesquisa:

Há metodologia, como a Revisão Integrativa, que permite a inclusão de pesquisas experimentais, não experimentais, empíricas e teóricas, incorporando a contribuição de diferentes perspectivas de um mesmo fenômeno e possibilitando um entendimento mais completo. (De-la-Torre-Ugarte-Guanilo, Takahashi e Bertolozzi, 2010, p.1264).

Desta forma, e buscando adequar a revisão sistemática à pretensão inicial e ao tema, a pesquisa adotará critérios que, acredita-se, facilitarão a obtenção dos referidos dados. Se, contudo, da construção da referida revisão, os dados se mostrarem insuficientes, de certo o desenvolvimento da referida pesquisa poderá adotar viés qualitativo, exclusivamente.

Como instrumento de obtenção dos dados em questão, será utilizada plataforma Google Acadêmico, primordialmente em função do número de resultados obtidos após inseridos os descritores “dança”, “homem” e “preconceito” ter se mostrado expressivo.

Acerca dos critérios de inclusão, objetivamente serão escolhidas as pesquisas que apresentem resultados relacionados a:

- a) Estudos e pesquisas que tratem da dança e a sua relação com preconceitos sofridos;
- b) Estudos e pesquisas acerca da dança praticada por indivíduos do sexo masculino;

- c) Artigos científicos publicados elaborados no período compreendido entre 2019 e 2024;
- d) Estudos e pesquisas que versem sobre quaisquer modalidades/estilos de danças.

Quanto aos critérios de exclusão, não serão analisados resultados e pesquisas que versem sobre:

- a) Pesquisas com participantes do sexo feminino;
- b) Pesquisas com dados não relacionados aos preconceitos sofridos em função da dança;
- c) Não serão considerados textos de monografias e dissertações;
- d) Não serão considerados artigos de revisão;
- e) Pesquisas que discutam patentes;
- f) Pesquisas que contenham apenas citações sobre o tema.

Da análise dos dados coletados e conforme figura abaixo, os resultados obtidos em momento inicial mostraram-se expressivos, demandando dos pesquisadores a especial atenção quanto aos critérios de inclusão definidos.

Foram utilizadas as bases de dados Google Acadêmico, LILACs e Periódicos da CAPES, e o período de buscas ocorreu de agosto de 2024 a outubro de 2024.

Nas bases de dados LILACs e Periódicos Capes, os resultados retornaram sem sucesso. Deste modo, o Google Acadêmico foi a plataforma/base de dados escolhida

Num primeiro momento, após a inserção dos descritores “dança”, “homem” e “preconceito”, os resultados demonstraram a possível existência de aproximadamente 82.800 estudos potencialmente relacionados, que, após a inserção do booleano “AND”/”E”, do filtro-data 2019-2024, retirados estudos que apenas possuem citações sobre o tema, bem como os demais critérios de inclusão como estudos que versassem exclusivamente sobre o papel masculino na dança, os resultados foram reduzidos a cerca de 253 estudos em que lidos os resumos, valendo-se da plataforma Wiso como auxiliar.

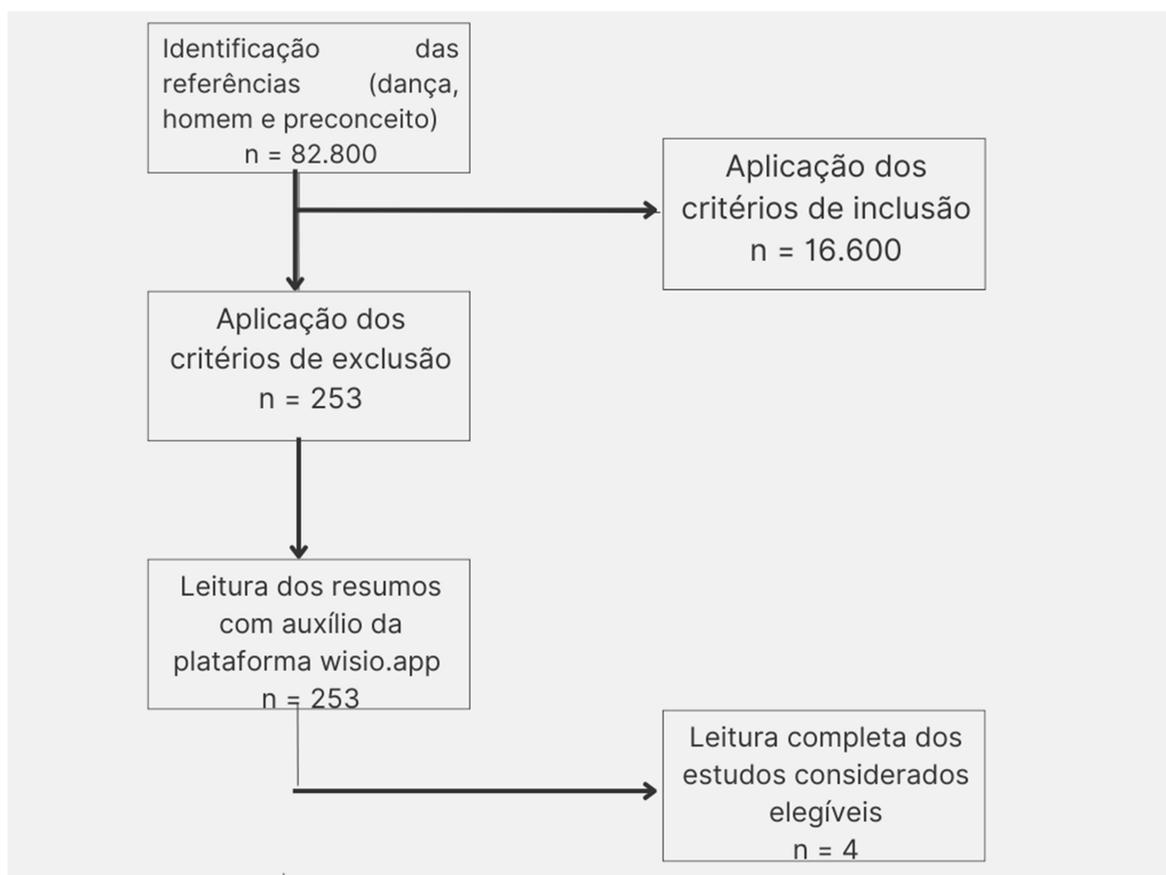
Quanto ao estudo de Campos, Magalhães e Veras (2022), após a leitura de sua íntegra, foi possível identificar pontualmente uma proposta distinta dos demais estudos até aqui discutidos. No referido estudo houve a avaliação de uma coreogra-

fia do grupo de Dança Oré Anacã, e a existência ou inexistência das questões de gênero e sexualidade nos movimentos e as impressões dos entrevistados sobre determinada coreografia.

Desta forma, além de não identificar a relação homem x dança x preconceito no estudo em questão, este não tratou da maior ou menor incidência dos preconceitos relacionados aos estigmas de danças que performem heteronormatividade, tampouco tratou de abordar os participantes de forma individualizada sobre suas percepções e suas práticas.

Por se limitar a análise visual das posturas adotadas nas coreografias em comentário, a leitura da integra do estudo de Campos, Magalhães e Veras (2022) revelou que o estudo daqueles autores não atendeu aos objetivos de nossa pesquisa. Isto se deve ao fato de que os dançarinos não foram entrevistados, mas apenas os profissionais de educação física que atuam com danças, o que não atende aos objetivos de nossa pesquisa. Por isto, foi eliminado na análise dos resultados, que resumiram-se aos demais que adiante se discutirá.

Figura 1 – Estudos elegíveis após inserção dos filtros e critérios de inclusão e exclusão



Fonte: Elaborado pelos autores, 2024.

3 O “HOMEM” COMO IDEAL DE *HABITUS* A SER ALCANÇADO

O desenvolvimento da humanidade demandou da sociedade – ou de parte dela – processos de adaptação ao meio em que encontravam-se inseridos, fosse por questões de sobrevivência e até mesmo por necessidade de adequação social, cultural ou religiosa.

Como retratado em momento anterior, o corpo passou por períodos em que servia como instrumento de sobrevivência, passando pela figura da personificação dos deuses até uma completa demonização do corpo, tal qual visto em períodos de maior influência da Igreja Católica como na Idade Média, por exemplo.

De toda a leitura prévia à elaboração da presente pesquisa, era recorrente a presença de discussões que colocavam homem e mulher em lados opostos, definindo figuras, atos, comportamentos e posturas diferentes para cada um deles, limitados à uma ideia geral de que o sexo biológico determinaria como cada uma destas pessoas se comportaria.

As mudanças pelas quais a dança passou no decorrer da história pode ser considerado ponto relevante para compreender a sua estrutura atual. Neste sentido, as considerações de Tavares nos permitem compreender a dança e as suas modificações, passando desde a sua utilização enquanto forma de expressão, manifestação religiosa, ou mesmo como expressão de amor ou força.

Existem indícios de que o homem dança desde os tempos mais remotos. Todos os povos, em todas as épocas e lugares dançaram. Dançaram para expressar revolta ou amor, reverenciar ou afastar deuses, mostrar força ou arrependimento, rezar, conquistar, distrair, enfim, viver! (Tavares, 2005, p.93).

Aqui é importante pensar que a dança na pré-história já tinha indícios de que as figuras masculina e feminina na dança possuíam papéis diversos, e é neste sentido que Boucier (2005) traz importantes considerações, destacando que, em que pese a necessidade de maior aprofundamento quanto a estes estudos, as mulheres na pré-história tinham a dança como um elemento utilizado em rituais de fertilidade, ao passo em que os homens a utilizavam em rituais de caça, por exemplo.

A figura do corpo na dança se amolda com a evolução da sociedade e o contexto em que se encontra inserida, tendo surgido como forma de expressão não-

verbal quanto aos povos originários, ao passo em que na sociedade atual ela figura como manifestação social, artística e cultura. E, neste sentido, se insere como uma linguagem mais abrangente, se comparada com a antiguidade.

Neste aspecto, a presença da dança na sociedade não é novidade, e se adequa a vida dos indivíduos a medida em que as vivências e a cultura daquele povo permitem expressar-se por meio desta. Como visto, mesmo enquanto forma de expressão religiosa a dança passou a fazer parte da vida das pessoas no decorrer da história, e se firma de modo particular a cada um deles.

De acordo com Andreoli (2010, p. 107), “a dança é uma manifestação cultural, social e artística que ocupa um lugar fundamental na vida das comunidades humanas”, e, nesse contexto, cada sociedade experiencia a dança sob uma perspectiva diferente, tudo isto se originando de conceitos culturais, percepções a partir de vivências e a influência da cultura de cada sociedade sobre aquele sujeito.

Ainda nos ensinamentos de Bourcier (2005, p. 13), a dança inserida num processo evolutivo das sociedades, passou a ser representado de formas singelas. Na Antiguidade, por exemplo, impérios orientais retrataram em produtos cerâmicos pessoas enfileiradas, mulheres de mãos dadas em círculos e vestindo véus, que, embora tragam indícios de desfiles ritmados, apresenta características da dança de forma mais rudimentar ou de menor estruturação (em um comparativo com a dança nos dias atuais, por exemplo).

Na Grécia Antiga, por sua vez, a dança possuía contornos e manifestações diversas, como representadas no nascimento, pós-parto, danças de núpcias, bem como de sua representação enquanto forma de comunicação e a sua caracterização como um dom dos deuses. A dança dionisíaca que surge como um elemento religioso e passa a se caracterizar como forma de entretenimento é um relevante aspecto a se destacar.

Em Esparta, a dança pírrica era considerada um elemento educacional e de preparação militar essenciais. Há uma decadência da inserção da dança na cultura Romana, que passa a priorizar as lutas e ampliar o interesse por gladiadores e caças a grandes animais.

Mais adiante, num processo em que o Cristianismo (Idade Média de forma mais evidente) se desenvolve de forma acentuada, as práticas das danças são tidas como atos impuros, como objetos de lascívia e para satisfação da carne, o que era condenado pela igreja.

É neste sentido que Wissmann (2008 *apud* Diniz, 2011, p. 6), destaca o papel de Santo Agostinho ao condenar a dança e as suas práticas, negando o corpo em sua integralidade em favor da alma.

Os padres da Igreja, Santo Agostinho entre elas, condenara "essa loucura lasciva chamada dança, negócio do diabo". Além desta maldição circunstancial, a contaminação do pensamento bíblico pelo dualismo grego que levou São Paulo a opor o espírito aos sentimentos e a desprezar o corpo: o bem, no homem, só está na alma, e todo o mal vem da carne. Essa perversão dualista do cristianismo trouxe como consequências a consideração do corpo como obstáculo à vida da alma e a orientação da vida para outro mundo, com a negação da carne, que deve ser ignorada, punida e mortificada (Wissmann, 2008 *apud* Diniz, 2011, p. 6)

Esse processo evolutivo e de suas nuances, trazia diferentes conceitos e inserções das figuras masculinas e femininas nas danças em geral, de modo que os praticantes se inseriam naquela prática conforme a permissibilidade.

Do século XVI em diante, já no período de Renascença, o balé surge na Itália e atinge seu ápice na França e se apresenta como um movimento social e artístico.

Assis e Saraiva (2013) pontuam que, dentro deste período, o renascimento traz para a dança especial desenvolvimento, com uma concepção de mundo que possuía elementos de pensamentos mais críticos, "especialmente nos planos artístico, cultural e filosófico, e assim, a influência de outras manifestações artísticas como a poesia, a literatura, a música e a pintura emolduraram o desenvolvimento do balé" (Assis; Saraiva, 2013, p.306).

Na Idade Moderna, por sua vez, as danças absorvem a essência e/ou elementos dos intercâmbios de cultura no século XVII, passando pela dança, a exemplo da pavana na Itália, a volta de Provença, o canário da Espanha, características identificadas nos bailes da corte.

Conforme destacado por Faro (1986), as danças folclóricas passaram a retratar o homem como figura principal de suas práticas, tendo as figuras das mulheres surgindo em momento muito posterior.

De todo o contexto histórico apresentado, a figura masculina na dança passa por diversas modificações, e encontra barreiras em cada um dos períodos da história de forma específica, e no final do século XIX e início do século XX a figura da bailarina ainda sofria preconceitos, mesmo apresentando postura e imagem tidas por "angelicais" e "santificadas", ao passo em que os preconceitos com bailarinos

eram mais sutis, até que surge a intensificação da presença dos homens nas práticas esportivas, e o espaço do homem na dança ser repellido de forma mais incisiva.

É nesta esteira de pensamentos que Melo e Lacerda (2009, p. 45) destacam que José Limon e Alvin Ailey traziam ideias mais conservadoras ao papel do homem, destacando que “o atletismo encontrado em algumas de suas obras foi encarado como um reforço de certos estereótipos masculinos positivos e heroicos”.

Essa inversão de papéis é fruto de um movimento de conservadorismo que ganha espaço no mundo ocidental, que traz ao homem o papel de protetor e provedor, dando às mulheres o papel de sensibilidade e delicadeza.

A pesquisa surge do especial interesse em discutir o papel do homem na prática das danças em si, por pessoal identificação do pesquisador com a temática e a prática, bem como por vivências e experiências de cunho preconceituoso que se desenvolveram no decorrer da vida e dos períodos em que tem a dança como das principais práticas corporais.

Dos ensinamentos obtidos no decorrer da graduação, em especial as discussões sociais e culturais na disciplina de dança, bem como da participação em eventos locais (Congresso Universitário da UEPB, por exemplo), debater o papel do homem nas danças foi um tópico de especial interesse do pesquisador, tendo tido condições de abranger os conhecimentos neste tópico em diversos momentos intra e extra muros da universidade.

As danças em sua totalidade possuem nuances e características diversas, como já apontado anteriormente, e a inserção destas pessoas nos mais variados estilos tem sido fruto de discussões constantes na sociedade, a exemplo do Congresso Nacional de Dança Contemporânea que, para além das atividades práticas, traz discussões relevantes também voltadas aos aspectos sociais e culturais da dança como um todo.

De forma histórica as danças têm sido discutidas pela sociedade e estudada por historiadores baseada em fatos e circunstâncias atualmente existentes, alguns dados inclusive que julgados insuficientes pela ausência de provas que materialmente comprovem fatos a ela relacionados, ou mesmo de forma mais específica que tragam discussões mais aprofundadas sobre estas.

Neste mesmo sentido caminham os estudos sobre o papel do homem na dança e os preconceitos, havendo estudos que retratam seus papéis, mas, historicamente, poucos elementos que tratem especificamente dos preconceitos sofridos

por estas pessoas. Neste viés que a pesquisa passa a buscar de forma mais específica e direta estudos que tragam, dentro dos critérios estabelecidos, dados que retratem os preconceitos sofridos pelos homens dentro da dança.

Na busca por igualdade de gêneros dentro da sociedade, em que as mulheres buscam sua justa e merecida inserção nos mais variados espaços, a busca dos homens por inserção em espaços como a dança merecem igual atenção. Sobretudo em função de um movimento de conservadorismo acentuado nos últimos anos no Brasil, e um gradual e singelo retorno aos movimentos considerados progressistas, a discussão de temas desta natureza podem se tornar instrumentos facilitadores dos estudos sociais relacionados à dança, por exemplo.

Em períodos mais recentes da história – por que não dizer nos dias atuais? – ainda enfrenta-se uma segregação das figuras masculina e feminina e de seus papéis enquanto sociedade que vinculados de modo quase exclusivo atrelado ao sexo biológico, visões que, compreendemos, não mais se amoldam à realidade do conceito de sociedade que hoje vivemos ao menos sob a ótica ocidental (e quanto a divisão oriente e ocidente, não será debatido de forma ampla sob pena de desvirtuar a pesquisa para este momento).

É neste sentido que Bourdieu (2012, p. 17) traz relevantes considerações, ao afirmar que a divisão de sexo está enraizada na mente das pessoas, atuando exatamente nas percepções, ações e pensamentos.

A divisão entre os sexos parece estar "na ordem das coisas", como se diz por vezes para falar do que é normal, natural, a ponto de ser inevitável: ela está presente, ao mesmo tempo, em estado objetivado nas coisas (na casa, por exemplo, cujas partes são todas "sexuadas"), em todo o mundo social e, em estado incorporado, nos corpos e nos *habitus* dos agentes, funcionando como sistemas de esquemas de percepção, de pensamento e de ação. (Bourdieu, 2012, p. 17)

A inserção das figuras do homem e da mulher (aqui compreendido apenas quanto a figura masculina, sob a ótica biológica) dentro da sociedade ocidental principalmente, historicamente passam a ser definidas em papéis diferentes, demandando comportamentos diferentes. A percepção de que ao homem pertence ao mercado, ao trabalho fora do ambiente familiar, e à mulher, compete o cuidado da casa e da família.

A ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica que tende a ratificar a dominação masculina sobre a qual se alicerça: é a divisão social do trabalho, distribuição bastante estrita das atividades atribuídas a cada

um dos dois sexos, de seu local, seu momento, seus instrumentos; é a estrutura do espaço, opondo o lugar de assembleia ou de mercado, reservados aos homens, e a casa, reservada às mulheres [...] (Bourdieu, 2012, p. 17).

Com base nos estudos e aprofundamentos, tem-se a percepção de que os comportamentos viris e posturas consideradas adequadas aos indivíduos do sexo masculino são ensinadas por aqueles que já experimentaram determinadas situações e aprenderam certas condutas, numa espécie de perpetuação comportamental adequada.

A homossociabilidade se faz presente de modo que os indivíduos de determinado grupo (neste caso os homens) podem conviver de forma livre em grupos, experimentando o que outros já experimentaram, quase que de forma imposta por uma geração familiar anterior ou outra figura masculina de referência que tenha mais idade e já tenha passado por determinadas situações.

Conforme ensinamentos de Welzer-Lang (2001, p. 462) esse conceito de perpetuação se mostra presente, evidenciando que os homens historicamente adotam uma postura de iniciado e iniciante, dependendo do contexto em que estejam inseridos, sempre sendo estimulados a continuar comportamentos considerados adequados ao sexo biológico.

Nessa casa dos homens, a cada idade da vida, a cada etapa de construção do masculino, em suma está relacionada uma peça, um quarto, um café ou um estádio. Ou seja, um lugar onde a homossociabilidade pode ser vivida e experimentada em grupos de pares. Nesses grupos, os mais velhos, aqueles que já foram iniciados por outros, mostram, corrigem e modelizam os que buscam o acesso à virilidade. Uma vez que se abandona a primeira peça, cada homem se torna ao mesmo tempo iniciado e iniciador. (Welzer-Lang, 2001, p. 462)

A imposição do sofrimento como forma de o tornar “homem” (aqui a leitura é da conceituação social de que o sujeito homem é aquele com comportamento viril, de postura firme), num processo que Welzer-Lang (2001, p. 462) define como “a lei dos maiores”, quem que o processo de aprender a ser homem consiste em absorver conhecimentos de outros indivíduos mais velhos, bem como experimentar práticas que geram um sofrimento até mesmo físico para que se alcance de forma satisfatória a postura ideal que um homem deveria ter.

Esse processo inicia-se com um auto sofrimento (de ordem psicológica) é aceito, principalmente quando da imposição de inserir o menino em jogos coletivos

como futebol ou lutas individuais (judô, karatê) em que o desempenho deve ser igual ou melhor, o lutar é uma prática aceita nos grupos de meninos, em que se apanha até aprender a bater, ou pelo menos incomodar-se menos com a dor daquele ato.

Aprender a estar com os homens, ou nas primeiras aprendizagens esportivas na entrada da casa-dos-homens, a estar com os postulantes ao status de homem, obriga o menino a aceitar a lei dos maiores, dos antigos: daqueles que lhe ensinam as regras e o *savoir-faire*, o saber ser homem.

[...]

É também aprender a respeitar os códigos, os ritos que se tornam então operadores hierárquicos. Integrar códigos e ritos, que no esporte são as regras, obriga a integrar corporalmente (incorporar) os não-ditos. Um desses não-ditos, que alguns anos mais tarde relatam os rapazes já tornados homens, é que essa aprendizagem se faz no sofrimento. Sofrimentos psíquicos de não conseguir jogar tão bem quanto os outros. Sofrimentos dos corpos que devem endurecer para poder jogar corretamente. (...) O pequeno homem deve aprender a aceitar o sofrimento – sem dizer uma palavra e sem “amaldiçoar” – para integrar o círculo restrito dos homens. (Welzer-Lang, 2001, p. 462).

É o “endurecer para amadurecer”, tornando o sujeito rígido e preparado para as circunstâncias que lhe serão impostas durante toda a vida. Um verdadeiro rito de passagem. A forma de aceitação daquele sujeito enquanto parte integrante de um grupo e um círculo de iguais demanda do homem esses tipos de comportamento.

Socialmente imposto, o mimetismo para o homem se apresenta como violento, firme e de postura rígida, o aproximando dos iguais e o afastando da figura feminina que é tida como sensível, meiga e direcionada a atividades que exigem mais de mente e menos do corpo, por assim dizer.

A infância, enquanto os meninos são direcionados ao futebol, lutas e outras práticas que aparentemente induzem maior virilidade, o papel de sensibilidade é relegado às meninas como algo que condenável aos meninos, que praticam balé e aulas de canto, práticas socialmente aceitas para elas. Aos homens que optam por praticar a dança, são historicamente identificados por homossexuais.

Enquanto que para as mulheres pode-se afirmar que houve uma evolução ao permitir a prática da dança por elas, houve uma espécie de reversão da prática da dança em relação ao homem, que passou de uma prática necessária em representação a sobrevivência na pré-história, até a sua estruturação enquanto forma de culto aos deuses, chegando ao ponto em que sua prática é enxergada na sociedade atual com olhos de julgamento, e é neste ponto que a pesquisa buscará se aprofundar.

A prática da dança deveria ser enfrentada como uma forma de manifestação cultural, e, para além disso, forma de expressão e desvinculada de preconceitos ou estereótipos, principalmente pela relevância histórica que possui, contudo, não é isto que tem se observado no contexto social atual.

3.1 A dança desprestigiada pelo homem e os efeitos históricos na sociedade ocidental

Relatos históricos retratam que a associação do homem que dança com a homossexualidade e um processo de efeminação surgiu no Ocidente de um contexto pós reinado de Luis XIV de Bourbon, muito associando o fato de que a dança foi levada das cortes para os palcos e adotando características que iam além da dança social, e, o século XVII, o balé era praticado por profissionais e não mais homens nobres.

A Revolução francesa e a industrial (séculos XVII e XIX) trouxe a dança para um lugar de desprestígio, sobretudo por se tratar de período de relação maior com o pecado, além da mudança do corpo como instrumento de prazer passando a ser um objeto de produção.

Agregado a isto, as baixas remunerações recebidas com a dança fizeram com que o homem passasse a enxergar menos atratividade nesta profissão. Como demonstrado em momento anterior, esse processo de profissionalização do corpo levou os homens ao papel de condutores de processos relacionados ao trabalho, adotando papéis diferentes.

A narrativa do homem e de sua virilidade passam a aceitar o homem enquanto gestor, coreógrafo, diretor ou tendo papel determinante no desenvolvimento dos espetáculos e práticas de danças, ao passo em que as mulheres ganham mais permissibilidade para a prática em si.

Ted Shawn era um bailarino e coreógrafo que fundou sua própria escola de dança exclusivamente masculina, a *Ted Shawn and His Men Dancers*, em resposta a concepções de que a dança não era para homens, contudo, os passos ali aprendidos eram voltados a posturas viris, atléticas e que representativas de posturas heróicas, perpetuando características que já apontadas como sendo estereotipadas.

Ao aceitar mulheres em sua escola, continuou com os ensinamentos de que as bailarinas deveriam seguir passos e movimentos assemelhados ao ninar um bebê

ou costurar, e aos homens os passos direcionados a posturas de guerreiros, por exemplo.

A dança teatro de Pina Bausch representava uma visão que inseria o homem como dominador, possuidor de características agressivas, controladoras, de comportamento brutal. Tudo isto reflete em muito a visão ocidental atual, e retrata na dança o aspecto de segregação das figuras masculina e feminina, imputando-lhes papéis diferentes por pura definição de gênero.

Toda essa construção de uma figura masculina viril e voltada ao trabalho trouxe para a sociedade ocidental a visão de que existem práticas permissivas e recomendadas aos homens, da qual as danças estão excluídas.

3.2 Gênero e Sexualidade: distinções multifatoriais

No Ocidente as discussões relacionadas ao gênero e sexualidade possuem maior tendência a esbarrarem em conceitos biológicos. Isto se deve, em muito, a percepção de que a Biologia é ciência, e como tal deve ser respeitada, tendo ali atribuição de valoração maior se comparada a outras áreas do conhecimento.

Contudo, ao discutir as concepções de gênero de forma mais abrangente, Scott (1998) compreende que a utilização do termo gênero afasta justificativas biológicas, em especial por entender que o termo se amolda em construções sociais e de uma criação inteiramente social das ideias e ideais sobre os papéis que são próprios do homem e da mulher, e traz a concepção de que o gênero é uma forma de referir-se a essas origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas destas pessoas.

Em um momento onde as discussões de gênero ganham maior amplitude, Scott (1998) defende que a separação de práticas sexuais do conceito de gênero, trazem especial utilidade ao termo/conceito, e que, apesar do fato de que as pesquisas sobre o tema reconheciam a relação entre papéis sexuais e o sexo, não seria uma relação direta e simples, destacando que o uso do termo “gênero” põe ênfase sobre toda uma sistemática de relações, que, eventualmente insere o sexo na discussão, mas que estas relações não são diretamente ditadas pelo sexo e nem determinantes na sexualidade.

Ainda acerca deste ponto, importantes considerações trazidas por Camargo e Sampaio Neto (2017), mostram que o gênero é uma construção composta por um

conjunto de ações que, ao decorrer da vida, moldam o sujeito e ampliando as influências recebidas, sobretudo naquilo que toca o emocional humano:

Gênero é a estilização repetida do corpo, um composto de ações que sofrem mudanças no decorrer da vida do indivíduo, que pode ter diversas identidades, não estando somente relacionadas às prevalências sexuais, o que vem aumentar ainda mais as influências recebidas, com enfoque nas questões emocionais de um ser humano. (Camargo; Sampaio Neto, 2017, p. 165)

Desta forma, o conceito de gênero se insere enquanto instrumento útil para identificar alguns mecanismos que reproduzem as desigualdades naquilo que compreendido como masculino e feminino, implicando dizer que os estudos relacionados à figura feminina, dependem de uma espécie de identificação dos estudos relacionados ao masculino, sobretudo pela já anotação de que o conceito de gênero implica identificar os papéis sociais impostos a cada um deles.

Diferente do conceito de gênero, que interligado às construções sociais, a Organização Mundial de Saúde compreende a sexualidade como um conjunto de sensações e sentimentos:

A sexualidade é uma energia que nos motiva para encontrar amor, contato, ternura e intimidade; ela integra-se no modo como sentimos, movemos, tocamos e somos tocados, é ser-se sensual e ao mesmo tempo ser-se sexual. A sexualidade influencia pensamentos, sentimentos, ações e interações e, por isso, influencia também a nossa saúde física e mental. (OMS, 2017, n.p).

A sexualidade é, portanto, parte comum da experiência humana, resguardadas as suas individualidades e comportamentos individuais sexuais. Por se tratar de algo particular, relacionado ao sujeito em si, a unificação ou padronização de uma perspectiva de sexualidade não seja possível, tampouco adequada de se fazer.

Partindo da conceituação trazida pela OMS (2017), esses comportamentos são muito particulares, inerentes ao modo em que cada sujeito reage e se integra aos próprios sentimentos. É possível, então, que duas pessoas distintas tenham a percepção e concebam um mesmo ato de forma diversa, com maior ou menor relevância no âmbito da sexualidade, como a frequência com a qual o indivíduo necessita ou deseja relações sexuais, bem como duas pessoas com características semelhantes igualmente a enxerguem desta forma, a exemplo de irmãos gêmeos, sejam univitelinos ou não.

Numa visão ocidental, a sexualidade tida como ideal se conecta em muito com a heterossexualidade, sendo aquela conduta tida como socialmente aceitável e desejada. Desta forma, compreende-se que as práticas heteronormativas possuem influência na percepção de ideal a ser alcançado em se tratando de sexualidade.

Essa heteronormatividade consiste em um conjunto de normas sociais que induzem de forma compulsória a sexualidade, expectativas e obrigações sociais e históricas que tem o pressuposto de que a heterossexualidade é o normal e o ideal alcançável.

4 RESULTADO E DISCUSSÕES

O Quadro 1 demonstra abaixo como se deram os resultados após os filtros aplicáveis ao estudo.

Utilizando a plataforma Wisio, a leitura dos resumos foi facilitada por estarem agregadas em uma só ferramenta de modo direto e conciso, o que permitiu compreender de forma satisfatória os objetivos de cada um destes estudos.

Destes, após a leitura dos resumos, apenas 4 (quatro) foram considerados elegíveis e lidos a íntegra para a presente pesquisa, com os resultados que a seguir se apresentam.

Quadro 1 – Estudos elegíveis e analisados na íntegra

Autor/Ano	Título	Tipo De Pesquisa	Palavras-Chave	Resumo
PEREIRA; LEITE (2019)	DANÇA E PRE- CONCEITO: visão heteronormativa sobre a prática da dança por indivíduos do sexo biológico masculino.	Explicativa. Qualitativa. Por questioná- rio.	Dança. Pre- conceito. Hete- ronormativida- de.	Pesquisa rea- lizada com grupo de dan- çarinos profis- sionais de de- terminado gru- po de dança, com objetivo de mostrar a relação hete- ronormativa entre homem e

				dança e revelar preconceitos enfrentados por estes sujeitos.
FREIRE; ACCIOLY (2021)	Dois Pra Lá, Dois Pra Cá: Em questões de gênero e normatividade, quantos passos avançamos nas Danças de Salão em Salvador, Bahia?	Pesquisa-ação. Qualitativa. Por questionário.	Danças de Salão. Estudos de Gênero. Heteronormatividade. Machismo.	Pesquisa elaborada com o intuito de identificar a relação de gênero e normatividade nas aulas de danças de salão e identificar se são espaços de superação ou manutenção de conceitos de machismo.
CAMPOS; MARGALHÃES; VERRAS (2022)	Gênero e sexualidade na dança do Coco do Grupo Oré Anacã: uma análise coreográfica	Qualitativa. Analítico-descritiva. Por questionário.	Dança; Gênero; Sexualidade; danças tradicionais; Dança do Coco.	Pesquisa realizada pela análise de determinada coreografia por parte de profissionais de educação física, buscando identificar de que forma os papéis de gênero encontram-se evidenciados em determinados

				estilos. Identificar a presença das expressões de sexualidade na dança.
COSTA; SILVA (2023)	Dança e participação: o caso dos homens estudantes do curso de Licenciatura em Educação Física UFV/CAF	Explicativa. Qualitativa. Por questionário.	Dança. Preconceito. Projeto de extensão.	Estudo realizado vinculado a projeto de extensão, para identificar a presença de homens nas aulas e dança, bem como compreender as concepções de dança dos estudantes.

Fonte: Elaborado pelos autores, 2024.

O Quadro 1 busca descrever, de forma sintética, as informações principais dos artigos considerados elegíveis para o estudo, e deste modo, permitir que a discussão ocorra de forma objetiva quanto aos principais pontos de cada um dos estudos analisados, buscando permitir melhor compreensão da estruturação de nossa pesquisa.

Inicialmente, importante destacar que, ainda que considerados elegíveis para os objetivos da presente pesquisa, não houve unicidade ou mesmo similaridade nas abordagens e objetivos dos estudos entre si, sendo os quatro dotados de propostas diversas, apesar de versarem sobre a relação gênero, dança e preconceitos como destacados.

O estudo de Pereira e Leite (2019), por sua vez, traz objetivo semelhante ao da presente pesquisa, buscando mostrar a relação heteronormativa entre homem e dança e identificar preconceitos que internalizados entre sociedade e homem que

dança. Todos os questionários foram aplicados com participantes do sexo masculino e vinculado ao grupo de danças *Venus Dance*.

Os quesitos apresentados no referido estudo buscaram identificar a relação do indivíduo com a dança, perspectivas familiares e os conteúdos específicos sobre as concepções de gênero, inserindo-se enquanto pesquisa elegível para a referida discussão.

Apesar do número de participantes inferior ao do estudo de Costa e Silva (2023), sendo 38 participantes naquele, e apenas 6 neste, o quesito relacionado a discriminação sofrida por ser homem e dançar teve unanimidade, alterando-se apenas na forma como respondida, sendo estas as respostas obtidas: “sim” (4 participantes); “Homens que fogem do “padrão”, sim” (1 pessoa) e “certamente” (1 pessoa).

Para nós enquanto pesquisadores, o estudo em questão reforçou a ideia e compreensão inicial de que a heteronormatividade permanece como fator por vezes limitante das práticas da dança dentro da sociedade atual, e que, apesar de a pesquisa ter ocorrido num ambiente em que os participantes já praticam a dança, o preconceito sofrido por estes se faz presente de forma significativa e unânime, no caso analisado.

Apesar da relevância da abordagem e dos resultados aproximarem-se do que inicialmente acredita-se alcançar enquanto resultado do presente estudo – identificar a direta relação da prática da dança por homens e os preconceitos sofridos –, o estudo de Pereira e Leite (2019) trouxe em suas conclusões algumas considerações que pouco se relacionam com os dados coletados.

Isto se deve em função do viés de intervenção pedagógica e cultural no sentido de ampliar a participação de pessoas do sexo masculino na dança, além de trazer como proposta final a ideia de que a dança deveria ser enxergada como prática sócio-política, o que se distancia do objetivo de discussão de nossa pesquisa.

Em situação semelhante à discussão de Costa e Silva (2023), aqui também não houve a discussão da maior ou menor incidência dos preconceitos sofridos de forma igualitária ou diferente quando da prática da dança em diferentes estilos.

O estudo de Costa e Silva (2023) traz em sua estrutura considerações e dados acerca da concepção que os participantes frutos da pesquisa tem sobre a dança em si, apontando que os resultados mostram a importância da dança enquanto prática na sua essência, além de destacar que cerca de 87% (oitenta e sete por cento)

dos entrevistados destacaram a relevância do fenômeno da dança como uma prática que possui efeitos em questões culturais, sociais, além de autoconhecimento e indicadores de qualidade de vida.

Por possuir objetivo de analisar fatores além da relação de gênero e a dança, a pesquisa traz dados como a pouca vivência dos entrevistados com a dança durante a graduação e de que forma isso impacta positiva ou negativamente na atuação dos participantes com a dança. Por se tratar de pesquisa relacionada a um projeto de extensão específico, a amostra do estudo fora reduzida, como descrito no estudo em si.

A pesquisa de Costa e Silva (2023) também reforça de forma muito objetiva algumas considerações apontadas em momento anterior desta pesquisa, como o fato de que a formação e o processo de ensino-aprendizagem possuem diferenças na infância e a distinção de meninos e meninas.

A forma como estas pessoas praticam cada uma das modalidades, reforçando o conceito de que homens devem ser formados para seguir padrões dominadores, repelindo práticas que consideradas não-aceitáveis, o que inclui a dança, bem como a noção de que os comportamentos são moldados de forma multifatorial pelo meio em que o sujeito encontra-se inserido.

No questionário do referido estudo, 66% dos entrevistados responderam negativamente ao quesito “Fez algum tipo de dança?” e relacionam com a possível falta de incentivo da participação masculina na dança; parte respondeu não praticar a dança por medo de julgamentos de terceiros; tão somente um dos participantes da pesquisa respondeu de forma abrangente em uma relação da dança com gênero e preconceitos, destacando que a inibição traz a sensação de revolta por receio de perder ciclos sociais em que já encontra-se inserido.

O trabalho analisado, quando inserido dentro da presente pesquisa, aborda o preconceito dentro da dança e que sofridos por pessoas do sexo masculino, reforçando a ideia de que a figura masculina na dança enfrenta barreiras sociais que o permitam a prática sem julgamentos. Neste trabalho em questão, a pesquisa apesar de ter amostra pouco significativa e direcionada a determinado projeto de extensão, na visão dos próprios autores, trouxe em seus resultados de forma expressa a existência de pessoas que afastam-se da prática da dança por sofrer preconceitos ou pelo medo de sofrê-los.

A imposição da heteronormatividade que já discutida em momento anterior nesta pesquisa e que retratado por Welzer-Lang (2001) figura como barreira a prática da dança, reforçando discursos dominadores e impositivos de que a figura masculina não dança. Contudo, e quanto ao aspecto da diferenciação do tratamento percebido em diferentes estilos de danças, a pesquisa em questão não trouxe dados que pudessem ser analisados.

De forma conclusiva naquele trabalho, os pesquisadores identificaram limitação amostral e atribuíram, parcialmente estes números à pouca divulgação das atividades e da possibilidade de homens participarem.

Por fim, dentre os estudos considerados elegíveis, a obra de Freire e Accioly (2021) trouxe uma abordagem em que se tratou a dança de salão de forma específica, não se debruçando sobre outros estilos de danças, sendo este um fator limitante considerando a proposta dos objetivos da presente pesquisa.

Durante as discussões da pesquisa de Freire (2021), observa-se que os questionários aplicados tiveram por objetivo identificar a heteronormatividade imposta na dança de salão e de sua percepção quanto aos comportamentos e posturas durante as aulas, e de que forma estes participantes observam a distinção de papéis femininos e masculinos nas práticas da dança de salão.

Importante ponto a se destacar é que os entrevistados relataram em sua maioria (86%) não observarem atitude machistas em suas salas de aula, contudo, parte delas (46%) retratou que a figura do sexo oposto na composição do par era relevante. Das entrevistadas do sexo feminino, cerca de 54,5% indicou que a condução das aulas era compartilhada com um professor do sexo masculino, e que a eles competiam a condução das aulas.

Retoma-se a discussão de ponto anterior contido neste trabalho, na discussão das imposições heteronormativas que retratadas por Welzer-Lang (2001) e que a figura do homem na dança de salão, ao menos quanto aos participantes entrevistados, é aceitável e não passível de preconceitos, desde que assuma o papel de gestor e condutor, cabendo a mulher a prática e o acompanhamento apenas, restando em segundo plano.

Desta forma, o estudo analisado retratada a heteronormatividade imposta à dança de salão, e não aborda o preconceito sofrido pelos homens em sua prática, mas traz de forma pontual a existência da discussão de que pessoas do sexo masculino podem praticar a dança de salão por ser em pares e o homem o condutor,

com postura viril e centralizador. Dissidências e divergências ou quaisquer condutas que se afastem disto, são tidas como inferiorizadas e repelidas.

Assim, apesar da relevância na tratativa do tema e a presença de elementos não contidos nos estudos anteriores (a menor incidência de preconceitos em determinados estilos de danças), este estudo não abordou os preconceitos como objetivos na presente pesquisa, tampouco houve comparativo entre diferentes estilos, mas apenas o recorte da dança de salão.

Analisados os artigos considerados elegíveis, foi possível identificar alguns fatores importantes a se destacar nesta pesquisa:

- 1) Os estudos analisados versam sobre o papel do homem na dança, de formas distintas entre si;
- 2) As metodologias são diferentes, não havendo um padrão entre estes estudos;
- 3) O estudo de Campos, Magalhães e Veras (2022) não atendeu aos objetivos da presente pesquisa, o que só foi possível após a leitura de sua íntegra, considerando que o resumo apontava possível enquadramento enquanto estudo elegível;
- 4) Apenas os estudos de Costa e Silva (2023) e Pereira e Leite (2019) atenderam a mais de um objetivo da pesquisa;
- 5) O estudo de Freire (2021) abordou apenas um estilo de danças e retratou fatores como a heteronormatividade imposta naquele estilo, sem, contudo, comparar com outros estilos de danças.

A presente pesquisa surgiu com o intuito de discutir os preconceitos enfrentados por homens que dançam, primordialmente identificar pesquisas que apontassem quantitativamente tais situações, contudo, após vasta leitura das pesquisas que eventualmente relacionadas aos objetivos elencados, tem-se que as discussões científicas não abordam de forma específica o que proposto neste estudo.

Tais considerações permitem compreender uma lacuna no campo científico relacionada de forma direta a proposta do presente estudo, que, além de identificar a relação homem x dança x preconceito, sua maior ou menor incidência em diferentes estilos de danças, além de identificar os estigmas nas práticas da dança por pessoas do sexo masculino.

Desta forma, sobretudo pela relevância da discussão do tema e a necessidade de seu debate, o desenvolvimento de pesquisas no tema escolhido é de elevada relevância pra a sociedade, identificando a influência do fenômeno dos preconceitos nos corpos masculinos que dançam e as eventuais consequências na vida destas pessoas.

5 CONCLUSÃO

Através desta pesquisa foi possível analisar fenômeno do preconceito e de sua presença na dança, em especial relacionado à sua prática por parte de pessoas do sexo masculino. Fruto dos estudos realizados durante a graduação, a discussão da relação de dança e gênero esteve presente durante a disciplina em si, mas, de forma mais abrangente, durante as atividades de monitoria e a troca de experiências com os colegas em ambiente intra e extra muros da Universidade.

Enxergou-se inicialmente que a prática da dança passou por períodos de mudanças drásticas sempre buscando moldar-se aos conceitos e crenças de cada sociedade e em cada um dos períodos estudados, bem como das conceituações de gênero e sexualidade e a forma como representadas na sociedade atual. O homem teve períodos de elevado prestígio na dança, sendo inicialmente tratado como a figura ideal na prática corporal da dança, que, como destacado, passou por períodos de moldar-se ao contexto social e cultural adentrando em pontuais desprestígios.

Com o avanço dos estudos dos temas escolhidos para o desenvolvimento desta pesquisa acadêmica, em especial a análise dos estudos considerados elegíveis, tornou-se possível a visualização da presença do preconceito sofrido por homens praticantes da dança, contudo, os estudos assim relacionados apresentaram amostra em número pequeno e direcionado à determinados grupos de danças ou projetos de extensão, o que limitou as discussões mais aprofundadas sobre o tema. Isto na visão dos autores dos próprios estudos em si.

Foi possível observar que algumas lacunas existem quanto a esta relação aqui retratada, sendo a principal delas o pequeno número tanto de pesquisas específicas neste sentido, quanto do número das amostras apontadas. Outra lacuna, como informado, está na aplicação dos questionários relacionados em grupos específicos de danças, o que atua, ao nosso ver, como fator limitante na discussão de um

tema que mostrou-se relevante, em especial pela história da relação do homem com a dança.

Quanto aos objetivos, é possível afirmar que o objetivo geral foi alcançado, considerando que este se propunha a discutir a relação da dança e os preconceitos sofridos por pessoas do sexo masculino, ali reunindo pesquisas que abordassem esta temática.

Ao passo em que, quanto aos objetivos específicos, estes foram apenas parcialmente alcançados na presente pesquisa, levando em conta que foram encontrados estudos que retrataram os estigmas da prática das danças por estas pessoas, em especial na obra de Pereira e Leite (2021) que abordou de forma pontual a perspectiva dos participantes praticantes da dança e a influência de opiniões frutos do núcleo familiar. Foi possível também investigar e identificar a incidência destes preconceitos para com os praticantes. No entanto, nenhum dos estudos apresentou a incidência de maior ou menor grau de preconceitos sofridos por pessoas que praticam diferentes estilos de danças.

Como desafios da pesquisa torna-se justo reiterar que a ausência de materiais disponíveis inclusive na estrutura da própria biblioteca da Universidade Estadual da Paraíba bem como em outras plataformas como LILACs e CAPES demandaram dos pesquisadores especial dedicação ao filtrar os estudos por meio da plataforma Google Acadêmico e alcançar os estudos elegíveis.

Como sugestões para pesquisas futuras, compreendemos que a continuidade dos debates acerca da relação do preconceito, homem e dança ser ampliados em razão da identificação de elementos que sugerem que o preconceito é fenômeno que inserido na sociedade atual de forma cultural, atendendo não apenas aos objetivos da presente pesquisa, mas, também, de preencher as lacunas aqui apontadas como forma de trazer a discussão para o ambiente acadêmico-científico de forma mais efetiva.

A tratativa e análise de outros artigos em outros idiomas (inglês, francês e espanhol) é sugestão deixada pelos pesquisadores para que se possa identificar a existência ou inexistência das referidas discussões para além da língua portuguesa, o que pode ou não suprir as lacunas aqui apontadas.

Destaca-se, por oportuno, o especial interesse na manutenção destas discussões nos mais variados ambientes, incluindo a possibilidade de retratá-los em pós-graduações correlatas.

REFERÊNCIAS

- ANDREOLI, Giuliano. Dança, gênero e sexualidade: um olhar cultural. **Conjectura: Filosofia e Educação**, Porto Alegre, v.15, n. 1, p. 107-118, 2010. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/47386986_Danca_genero_e_sexualidade_um_olhar_cultural Acesso em: 20 ago. 2024
- ASSIS, M. D. P.; SARAIVA, M. D. C. O Feminino e o masculino na dança: Das Origens do balé à contemporaneidade. **Movimento**. Porto Alegre, v. 19, n. 2, p. 303-323, abr/jun de 2013.
- BOUCIER, Paul. **História da Dança no Ocidente**. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 2005
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 11.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
- CAMARGO, Shelley Arruda Pinhal de. SAMPAIO NETO, Luiz Ferraz de. Sexualidade e gênero. **Revista da Faculdade de Ciências Médicas de Sorocaba**, v. 19, n. 4, p. 165-166, 2017. DOI: 10.23925/1984-4840.2017v19i4a1. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/RFCMS/article/download/35351/pdf/99290> . Acesso em: 5 ago. 2024
- CAMPOS, M. A. A.; MAGALHÃES, P. A. M.; VERAS, L. F. S. Gênero e sexualidade na dança do Coco do Grupo Oré Anacã: uma análise coreográfica. **ARJ – Art Research Journal: Revista de Pesquisa em Artes**, [S. I.], v. 9, n. 2, 2022. DOI: 10.36025/arj.v9i2.28916. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/artresearchjournal/article/view/28916>. Acesso em: 12 set. 2024
- COSTA, B. D. D. da; SILVA, M. de S. Dança e participação: o caso dos homens estudantes do curso de licenciatura em educação física UFV/CAF. **Revista ELO – Diálogos em Extensão**, [S. I.], v. 12, 2023. DOI: 10.21284/elo.v12i.15442. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/elo/article/view/15442>. Acesso em: 12 set. 2024.
- DE-LA-TORRE-UGARTE-GUANILO, M. C.; TAKAHASHI, R. F.; BERTOLOZZI, M. R.. Revisão sistemática: noções gerais. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 45, n. 5, p. 1260–1266, out. 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0080-62342011000500033>. Acesso em: 30 set. 2024.
- DINIZ, Thays Naig; SANTOS, Gisele Franco de Lima. **História da Dança – Sempre**. Disponível em: <https://www.uel.br/eventos/sepech/sepech08/arqtxt/resumos-anais/ThaysDiniz.pdf>. Acesso em: 21 ago. 2024.
- FARO, Antônio José. **Pequena História da Dança**. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.
- FREIRE, Francisca Jocélia de Oliveira. **Dois pra lá, dois pra cá**: Em questões de gênero e normatividade, quantos passos avançamos nas Danças de Salão em Sal-

vador, Bahia? 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/34454>. Acesso em: 15 set. 2024

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

GROSSI, Miriam Pillar. **Identidade de gênero e sexualidade**. Disponível em: https://www.mpba.mp.br/sites/default/files/biblioteca/direitos-humanos/direitos-das-mulheres/artigostesesdissertacoes/questoes_de_genero/grossimiriam.pdf. Acesso em: 1 set. 2024.

MAGNO, Rêmulo. **Sexo, gênero e sexualidade**. Disponível em: <https://faculdefama.edu.br/sexo-genero-e-sexualidade/>. Acesso em: 1 set. 2024.

MELO, Victor Andrade; LACERDA, Claudio. Masculinidade, dança e esporte: "Jeux" (Nijinsky, 1913), "Skating Rink" (Borlin, 1922) e "Le Train Bleu" (Nijinska, 1924). **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 30, n. 3, p. 45-62, maio 2009.

NOGUEIRA, Pedro. **Por que a educação deve discutir gênero e sexualidade?** Listamos 7 razões. Disponível em: https://educacaoeterritorio.org.br/reportagens/por-que-a-educacao-deve-discutir-genero-e-sexualidade-listamos-7-razoes/?migrado=_portal_aprendiz. Acesso em: 1 set. 2024.

PEREIRA, Rômulo Gonçalves de Carvalho; LEITE, Regina Aparecida de Almeida. Dança e preconceito: visão heteronormativa sobre a prática da dança por indivíduos do sexo biológico masculino. **Revista Científica Eletrônica de Ciências Aplicadas da FAIT**, Itapeva, Ano VIII, v. 14, n. 2, p. 87-97, 2019. Disponível em: http://www.fait.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/z0BRyLXNLvtJo0V_2020-6-19-20-50-6.pdf. Acesso em: 12 set. 2024.

REIS, Juliana Fernandes Silva dos. **A importância das discussões de gênero e sexualidade no ambiente escolar**. 2016. Disponível em: <https://petpedagogia.ufba.br/importancia-das-discussoes-de-genero-e-sexualidade-no-ambiente-escolar>. Acesso em: 1 set. 2024.

SCOTT, Joan. **Gênero**: uma categoria útil para análise histórica. 1989. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/185058/mod_resource/content/2/G%C3%AAnero-Joan%20Scott.pdf. Acesso em: 1 set. 2024.

TAVARES, Isis Moura. **Educação, corpo e arte**. Curitiba: IESDE, 2005. Disponível em: <https://silo.tips/download/educacao-corpo-e-arte#modals>. Acesso em: 24 abr. 2024.

VIEIRA, M. de S.; TOURINHO, L. L.; ROCHA, L. V.; SOUZA, M. A. da C. Dramaturgias e Epistemologias Insurgentes na Dança. **ARJ – Art Research Journal: Revista de Pesquisa em Artes**, [S. l.], v. 9, n. 2, 2022. DOI: 10.36025/arj.v9i2.31056. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/artresearchjournal/article/view/31056>. Acesso em: 7 out. 2024.

VILELA, Maria Helena. **Sexo, identidade de gênero e orientação sexual: quais as diferenças?** 2013. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/blogs/educacao-sexual/2013/05/30/os-jeitos-sexuais-de-ser/>>. Acesso em: 7 out. 2024.

WELZER-LANG, D.. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. **Revista Estudos Feministas**, v. 9, n. 2, p. 460–482, 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/WTHZtPmvYdK8xxzF4RT4CzD/abstract/?lang=pt#> Acesso em: 12 set. 2024

WISSMANN, Ana Elise Lopes. **Uma breve dissertação sobre a história da dança através das épocas**. Disponível em: <http://www.balletgutierres.com.br/historiadan.htm>. Acesso em: 21 ago. 2024.

World Health Organization. **Sexual health**. Genebra: WHO, 2017. Disponível em: http://www.who.int/topics/sexual_health/en/. Acesso em: 24 set. 2024.

AGRADECIMENTOS

À Deus e meus Orixás, a quem devo minha vida e sustento espiritual.

Aos meus pais, a quem devo por tudo que sou hoje.

À minha família, em especial minhas irmãs e sobrinhos.

À Talyson, um companheiro de uma vida com quem quero partilhar tudo de melhor que a vida puder ofertar. Por sua paciência, carinho, atenção e amor.

À Professora Morgana Guedes Bezerra pela acolhida, carinho e dedicação durante toda minha jornada acadêmica e especial paciência quando das dificuldades encontradas na construção da presente pesquisa.

À banca avaliadora, Professoras Elaine Melo e Taís Feitosa, por participarem de momento tão especial de minha vida, fruto de tanto trabalho e marco de uma nova fase em minha vida.

À Bianca Vasconcelos e Thalita Barbosa, melhores amigas de uma vida e confidentes de sempre, por me apoiarem, ouvirem e entenderem.

À Lucas Santiago, Lucas Henrique, Pedro, Yanne, Yuri, Ton, Matheus, Ana, Fátima, Milena Diniz, Myllena Lisboa, Lucas Daniel, Talita Bruna, Júlia Cruz, Flávia Batista e tantos outros amigos que em muito compartilham comigo de minhas dores e alegrias e com quem espero manter sempre estreitos os laços de boa amizade que temos. Contem comigo do mesmo modo que conto com vocês.

Aos professores Anny Sionara, Eugênio Moura, Goretti Lisboa, Diego Vinicius, Regimênia Carvalho e Mano Freire por terem sido sempre exemplos de profissionais que almejo ser ou me aproximar do que são e daquilo que alcançaram.

Aos amigos Calebe, Lucas, Vitória Medeiros, Suênio, Everton, Jeferson, Higor e Levi que fiz durante minha graduação, colegas de dia a dia e da mais engrandecedora rotina. Os levarei comigo sempre, apesar dos distintos destinos.

Aos que de algum modo contribuíram para que eu chegasse onde cheguei, estando ou não presentes comigo, todos foram essenciais para minha jornada.